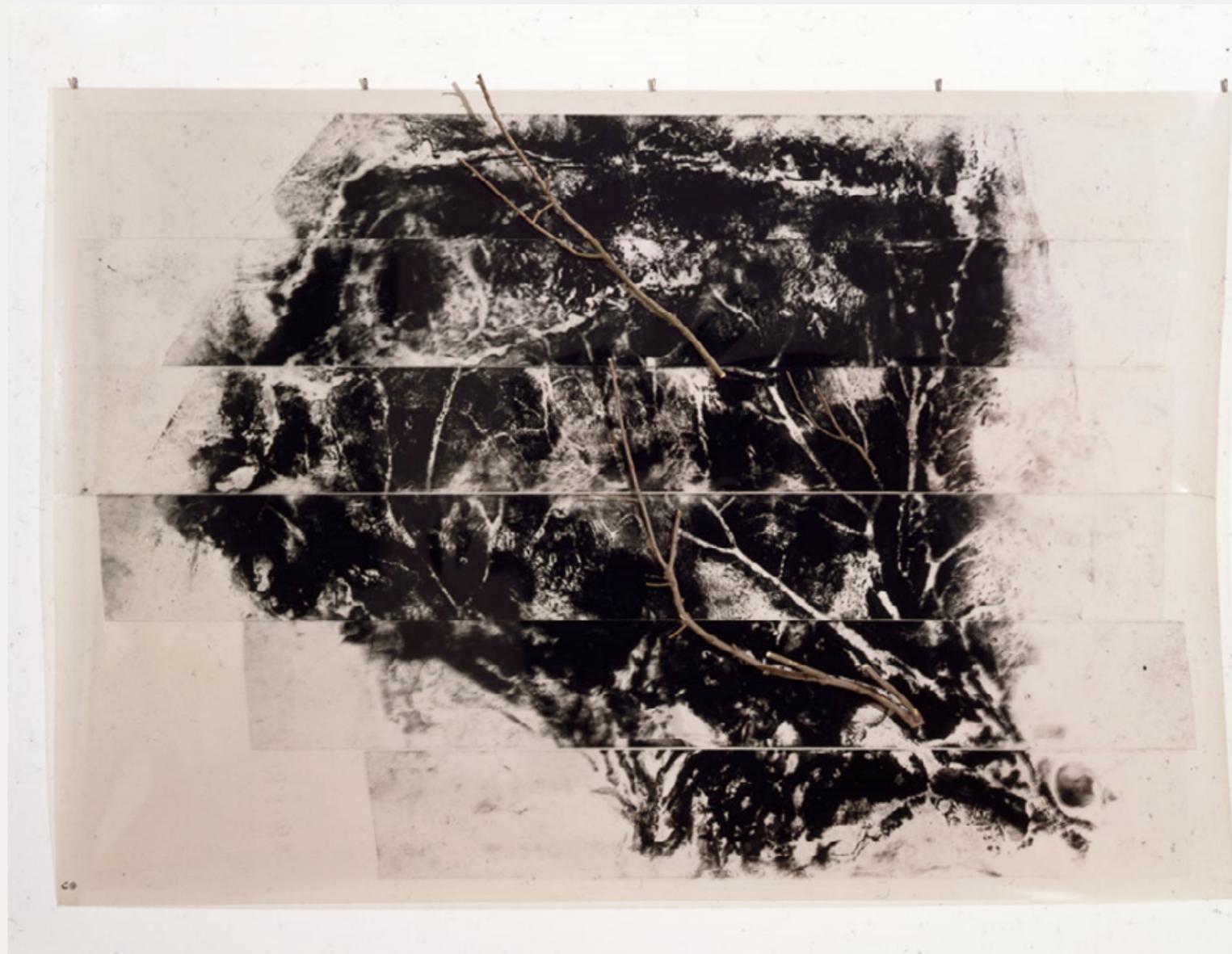




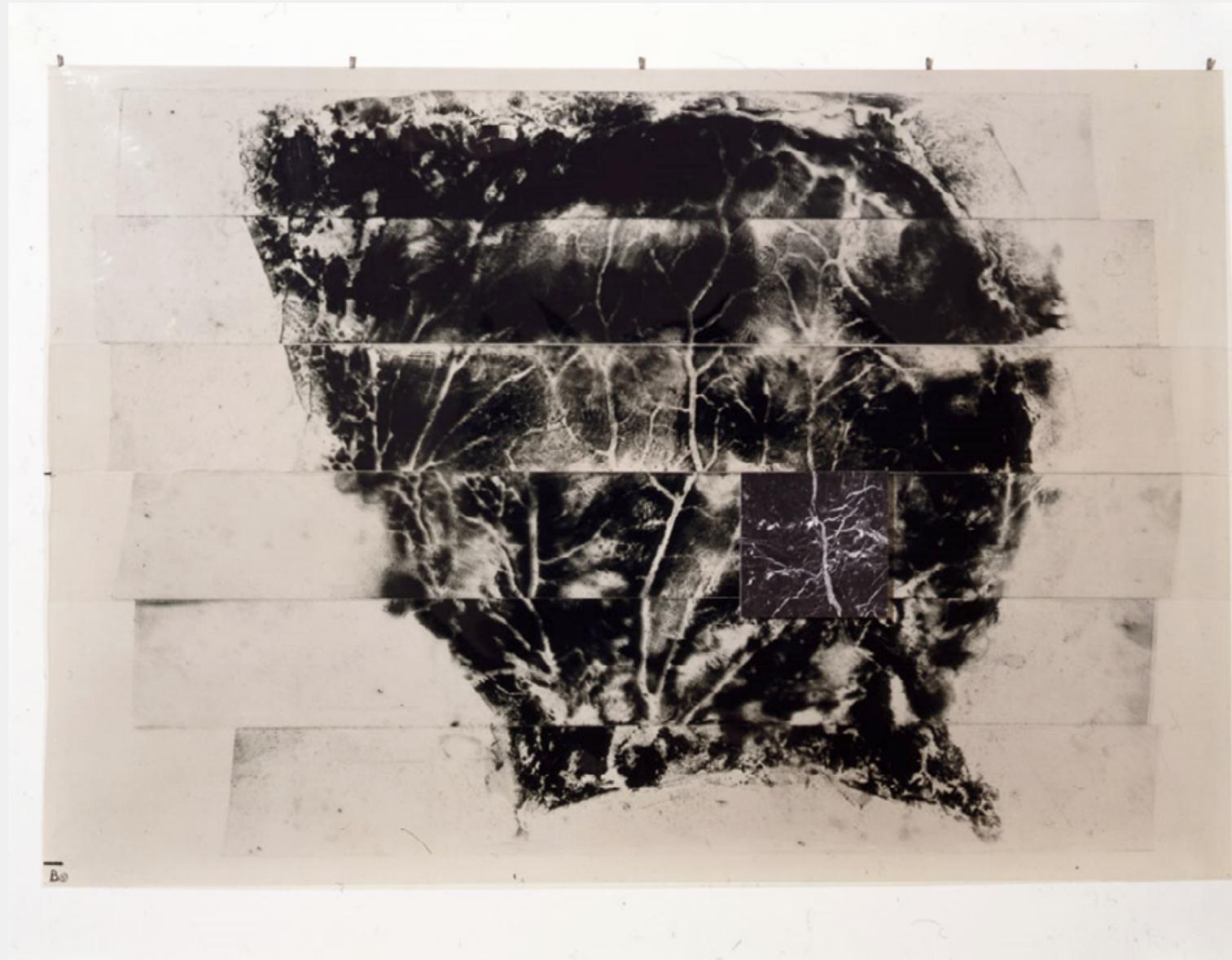
# FOGLIA E PAESAGGIO DEL CERVELLO

Giuseppe Penone

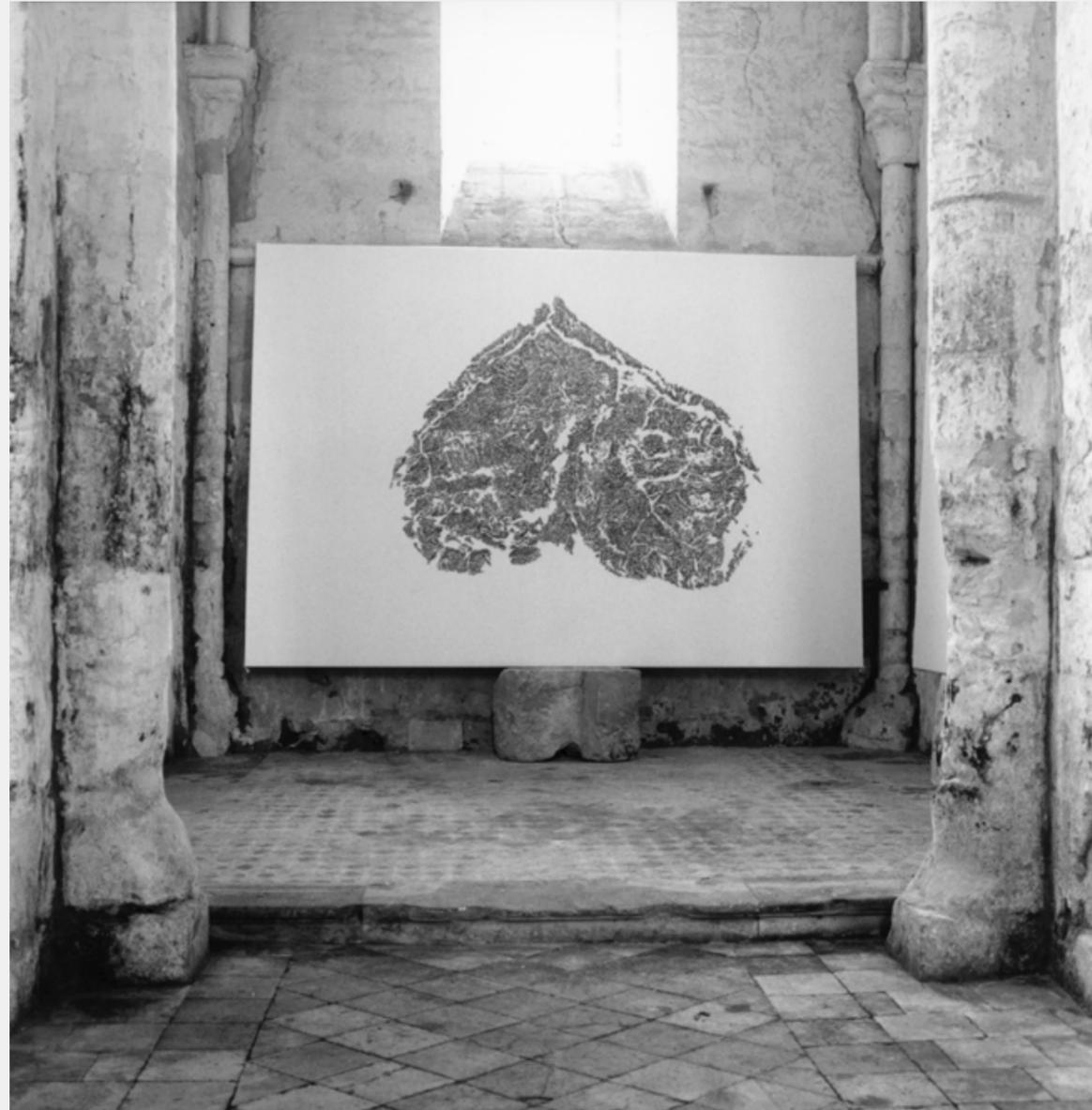
Poéticas



Paesaggio del cervello, 1990  
*Ampliação fotográfica sobre acetato*  
Marian Goodman Gallery  
Foto ©Michael Goodman



Paesaggio del cervello, 1990  
*Ampliação fotográfica sobre acetato*  
Marian Goodman Gallery  
Foto ©Michael Goodman



Foglia, 1990  
*Terra de Siena sobre TNT*  
200 x 300 cm  
Coleção Musée de Grenoble (FR)  
Foto © Musée de Grenoble



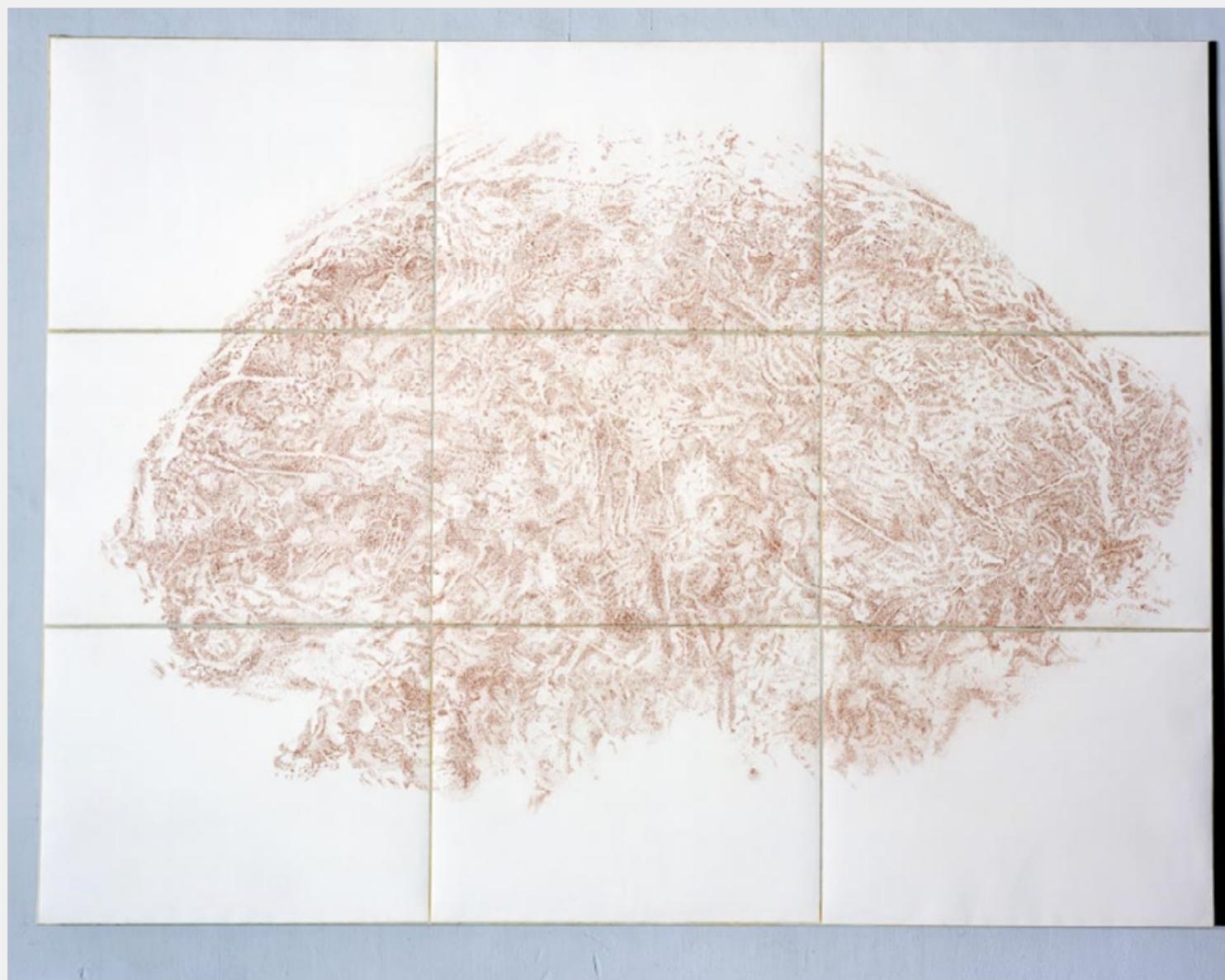
Foglia, 1990  
*Terra de Siena sobre TNT*  
300 x 200 cm  
Coleção Musée de Grenoble (FR)  
Foto © Musée de Grenoble



Foglia, 1990  
*Terra de Siena sobre TNT*  
200 x 300 cm  
Coleção Musée de Grenoble (FR)  
Foto © Gérard Rondeau



Foglia, 1990  
*Terra de Siena sobre TNT*  
300 x 200 cm  
Coleção Musée de Grenoble (FR)  
Foto © Gérard Rondeau



Paesaggio del cervello, 1997  
Foto © Arquivo Penone



Paesaggio del cervello, 1997  
Foto © Archivo Penone

\*

Giuseppe Penone vive e trabalha em Turim, onde realizou suas primeiras mostras a partir de 1968, juntamente com outros componentes do grupo *Arte Povera*. Desde então, o que o move é a “vontade de uma relação paritária entre a [sua] pessoa e as coisas”<sup>1</sup> e toda a sua produção é conduzida pela noção de que homem e natureza são indistintos. Penone explora a cultura inerente à natureza, em absoluto detrimento das categorias criadas pelo homem para, por exemplo, dividir os animais, vegetais e minerais em reinos. De tal forma emerge, tanto na plástica de suas esculturas quanto em seus desenhos, a imbricação recíproca que existe entre os seres e os elementos que compõem o cosmo.

Talvez possamos afirmar que todos os trabalhos do artista trazem a poética do devir-outro: seja o devir-outro de si no tempo, como, por exemplo, em sua obra *Cedro di Versailles*, 2000-03, ou devir a forma e a imagem de outra matéria, como nos trabalhos aqui apresentados, *Foglia* e *Paesaggio del cervello*, ambos realizados a partir de 1990.

O conjunto da obra de Giuseppe Penone abrange, além de esculturas, desenhos e ações performáticas, também a produção de textos, que foram compilados na edição *Scritti 1968-2008*<sup>2</sup>. Cada escrito seu poderia ser pensado como um pensamento-gravura, ou seja, uma gravação, uma inscrição ou a materialização de seus pensamentos:

Ocorre-me escrever algo porque a obra nasce sempre de uma reflexão. A minha é, portanto, uma nota que endereça a leitura. Às vezes procuro escrever as razões pelas quais realizo um trabalho, não com a intenção de fornecer uma explicação, mas criando uma associação de ideias e de imagens que dão origem a elementos para meditar, desenvolver e sintonizar o próprio trabalho [...].

A palavra é usada por mim como parte de uma reflexão que acaba assumindo um valor diferente e autônomo. Nasce próxima da obra, às vezes sobre um trabalho já realizado, às vezes que o precede em muitos anos. [...]<sup>3</sup>

O ato de transmutar, que faz com que o pensamento se corporifique em seus escritos, esse devir-texto do pensamento, tem lugar também, de certa forma, tanto em *Foglia* quanto em *Paesaggio del cervello*, em concordância com a reflexão do artista, escrita em 1989:

A caixa craniana adapta-se à forma que protege.

O osso do crânio é matéria plástica para o cérebro que o constitui, adapta-o à sua forma. O cérebro adere ao crânio sobre o qual registra as suas pulsações, mas não é capaz de ler a superfície que toca.

Para compreender e ter consciência da forma da superfície interna

do crânio, é preciso tocá-la com as mãos, vê-la com os olhos.

1. *la volontà di un rapporto paritario tra la mia persona e le cose*. PENONE apud BAILLY, 2008, p. 64. TN.

2. *Giuseppe Penone. Scritti 1968 - 2008*. Bologna: MAMbo - Istituzione Galleria d'Arte Moderna, IKON Gallery, 2009.

3. *Mi capita di scrivere qualcosa perché l'opera nasce sempre da una riflessione. [...] A volte cerco di scrivere le ragioni per le quali realizo un lavoro, non con intenzione di fornire elementi per meditare, sviluppare e mettere meglio a punto il lavoro stesso*. PENONE apud WATKINS, 2009, p. 331.

É uma verdadeira paisagem, com depressões, leitos de rios, montanhas, planícies, um relevo similar à crosta terrestre. A paisagem que nos circunda, a possuímos dentro desta caixa de proteção. É a paisagem dentro da qual pensamos. É a paisagem que nos envolve. Uma paisagem a ser percorrida, sentida, conhecida com o tato, a ser desenhada ponto por ponto.<sup>4</sup>

O pensamento, um ano depois de tomar corpo neste escrito, corporifica-se nas obras *Foglia e Paesaggio del cervello*, que são, por sua vez, corpos outros da paisagem do mundo, como revela a disposição de um galho sobre um de seus desenhos. Estas obras exibem, como antecipava o próprio artista, que temos gravada dentro de nós, no lugar em que as imagens se formam – em nosso cérebro – a paisagem do mundo. Para mostrá-lo, ele dispôs bandagens sobre a superfície interna de um crânio, lançando mão do *frottage*, ou seja, esfregando sobre elas determinados tipos de pigmento, de modo a decalcar o relevo da superfície sobre a qual se esfrega. O que Penone obteve pelo *frottage* do crânio são, por fim, modos de devir-outro: as imagens que vemos em *Foglia* e em *Paesaggio del cervello*, além de trazerem a paisagem do mundo corporificada em nós, são também nosso devir-paisagem, nossa topografia craniana que, por sua vez, formou-se a partir de um tipo especial de *frottage*, o contato travado entre cérebro e crânio.

Por Marina Câmara

4. La scatola cranica si adatta alla forma che protegge. L'osso del cranio è materia plastica per il cervello che lo costituisce, lo adatta alla sua forma. Il cervello aderisce al cranio, sul quale registra le sue pulsioni ma non è in grado di leggere la superficie che tocca. Per capire ed avere coscienza della forma della superficie interna del cranio occorre toccarla con le mani, vederla con gli occhi. È un vero paesaggio, con avvallamenti, letti di fiumi, montagne, pianori, un rilievo simile alla crosta terrestre. Il paesaggio che ci circonda lo possediamo all'interno di questa scatola di protezione. È il paesaggio all'interno del quale pensiamo. È il paesaggio che ci avvolge  
PENONE, 2009, p. TN.